

90

REVISTA(S) DA PALAVRA DE CARLOS QUEIROZ

contribuindo para um conhecimento da poética presencista

LUÍSA ÁLVARES PEREIRA

RESUMO

Revisitar os locais da escrita de um presencista de primeira hora, percorrendo o ideário estético das revistas em que colaborou, no sentido de dar a conhecer uma voz poética que também questionou a poesia e a arte e contribuindo assim, para um entendimento mais aprofundado do que foi a *totalidade* da crítica e da poética presencistas, eis o objectivo deste artigo.

ABSTRACT

The aim of this work is to revisit the places where Carlos Queiroz has written as a member of the *Presença* magazine, going through the aesthetic point of view of the magazines he has written for, in order to present a "voice" which has also studied poetry and art pursuing the objectives of *Presença*: the poetry/art interaction.

"C. Queiroz (...) apareceu a secundar o grito vibrante da 'Contemporânea' naquele esplêndido momento que ela quis vincar com o seu estandarte de anseios mais altos; deu a sua colaboração a 'Presença', ao 'Sudoeste' e a outras publicações literárias".

Introdução à entrevista que Carlos Queiroz deu em 2-IV-1936 a *Novidades*, p.3.

A GERMINAÇÃO DE UMA ESCRITA

A voz que aqui vamos considerar, passados já mais de 50 anos sobre a sua morte, é voz que ainda mal se ouve e que, no entanto, ecoava alto por esses anos 30 e 40 e até antes. Era mesmo uma voz poética que não se hesitava em chamar de moderna e/ou modernista, e que integrava, tanto a "Antologia de Poetas Modernistas" do número de Inverno de 1932 da revista

REVISTA(S) DA PALAVRA DE CARLOS QUEIROZ

Descobrimento,¹ como o número especial (nº8) de poesia da revista *Momento*, manifesto de arte e cultura, aquela que, segundo alguns, melhor serve a afirmação e consagração dos modernistas.

Mas, em 1930, colaborara Carlos Queiroz já em *Cancioneiro*, volume colectivo de poesia, saído em Lisboa por ocasião do 1º Salão dos Independentes e onde se reuniam também, além dos *precursores* Cesário Verde, Camilo Pessanha, Ângelo de Lima e Mário de Sá-Carneiro, as duas gerações de modernistas. E ainda mesma década, em 1938, integra a *antologia da poesia portuguesa moderna* que Pierre Hourcade organiza para a revista francesa *Yggdrasil*, nº 5-6, 25 de Agosto a 25 de Setembro. Vejamos a justificação do autor de *Temas de Literatura Portuguesa* para a escolha feita, na impossibilidade de mostrar toda a diversidade poética possível (1938:79):

"Il n'est ni plus ni moins arbitraire qu'aucun autre; ou plutôt, il obéit à un double partis-pris bien défini: d'une part, mettre l'accent sur quelques noms déjà consacrés, et, à l'inverse, signaler les points extrêmes vers lesquels tend la production de la jeune génération. D'un côté, António Nobre, Eugénio de Castro, Teixeira de Pascoaes; puis Fernando Pessoa, très grand poète dont il n'existe encore aucune édition, et Mário de Sá-Carneiro, dont la mystérieuse et souterraine influence survit à la dispersion de ses écrits et gagne de proche en proche; enfin, ceux d'entre les poètes actuels: José Régio, Adolfo Casais Monteiro, António Navarro, Carlos Queiroz- que l'importance ou la qualité de leur oeuvre permet de considérer comme les plus représentatifs".

Recuando ainda mais, vamos encontrar Carlos Queiroz com apenas 19 anos a colaborar, ao lado dos Mestres, na revista *Contemporânea*, protagonista essencial da vida artística e intelectual dos anos 20, e que, na linha de *Orpheu*, muito terá concorrido para *uma confirmação do nosso Modernismo*². Como afirmou José-Augusto França, no quadro do seu

¹ Cf. o que diz Clara Rocha sobre *Descobrimento*, dirigida por João de Castro Osório e que se publicou em Lisboa entre 1931 e 1932: "Pode dizer-se que está no meio termo entre a *Presença*, ao acreditar na intemporalidade da grande arte e ao defender valores humanistas, e o Nacionalismo, ao pregar o ressurgimento do 'homem português', de modo a conduzi-lo 'à posse e exploração do único império que nos falta: o império das nossas capacidades e virtudes, fonte inesgotável de prosperidade e grandeza' (1985: 447).

²Cf. Guimarães 1982:154-155: "É na linha de *Orpheu*, concorrendo para uma confirmação do nosso Modernismo, que aparecerão, posteriormente, outras revistas: *Exílio*, *Centauro* - havendo ocasionalmente na colaboração destas duas revistas, o que igualmente é visível no nº 1 (e, também, no nº3) de *Orpheu*, a marca de influências duma poética que ficou ainda ligada ao Decadentismo e Simbolismo-Portugal Futurista, *Contemporânea* e *Athena*".

período de 1922-26, a *Contemporânea* foi, sem dúvida, "um facto cultural de grande importância, embora sem o poder criativo ou generativo, como fora o caso do *Orpheu* ou do *Portugal Futurista*" (1979:55). Desta impossibilidade de repetir-se noutro tempo o que se fora tempos antes, dera-se bem conta o autor de **Epístola aos Vindouros**, que um dia, já mais tarde, em 1942, quando abre a revista *Variante* com o seu artigo "Da Arte Moderna em Portugal" afirma: "Foi em 1924 que travei conhecimento com os *novos...* Foi em 1924. Chegara tarde demais, com os meus dezassete anos líricos. Já dominava no grupo, nos principais elementos do grupo, a saudade de um passado morto". Depois de se referir a esses tempos áureos do *Orpheu*, do *Manifesto Anti-Dantas* de Almada, tempos em que se estava em total consonância com a Europa-Paris, continua: "O 'Orpheu' os livros de Sá-Carneiro, os desenhos de Almada - e mais ainda-as presenças radiosas deste e de José Pacheco foram o meu Paris"(p.18). Curiosamente, José-Augusto França vê (1979:55) nesta *Variante*, um retomar do "cuidado minucioso posto na escolha dos tipos e dos corpos tipográficos e na imaginação variada" que José Pacheco imprimira à sua revista.

É, pois, neste terreno de imaginação variada, fruto de uma participação plural, onde passam nomes d' *A Águia*, do *Orpheu*, do *Portugal Futurista* e do Integralismo Lusitano, ou da *Lusitania* e da *Terra Portuguesa* - "no ecletismo desejado dentro ou fora do fantasma ideológico da revista" (França 1979:55) que a escrita de Carlos Queiroz germina.

A PALAVRA DOS OUTROS

Não parece ser por acaso que esta sua iniciática participação poética se faça sob o signo da pluralidade: ela anuncia já uma personalidade artística aberta, incapaz de se fechar num círculo restrito, mesmo se por esse tempo ia fazendo poemas como *Reminiscence* (*poema anti-saudosista*-1925)³ onde declaradamente se nota a influência de *Chuva Oblíqua*: "Eu padecia de lembranças sucessivas,/ Incongruentes, Interseccionadas"; nota-se também a "irónica e dolorosa consciência de uma precipitação à Sá-Carneiro, num mundo hostilmente moderno"(V. Pimentel 1987: 469). Se estes primeiros ensaios poéticos deixam já entrever o encanto pelos Mestres do chamado primeiro Modernismo, a lição da *Contemporânea* -empresa típica dos anos 20- não lhe permite qualquer fechamento, antes parece encorajar a irrequietude própria de um espírito que tudo quer experimentar.

Pessoa (1990:19) expressaria assim, em 4 de Agosto de 1923, a distância que sentia existir entre *Orpheu* e a *Contemporânea*, " (...)a *Contemporânea* é de certo modo a sucessora de *Orpheu*. Mas que diferença! Que diferença! Uma ou outra coisa relembra esse passado; mas o resto, o conjunto...".

³ Este poema em 11 andamentos - *Reminiscence* (*poema anti-saudosista*) - foi publicado na *presença*, 23, Dezembro de 1929, pp.8-9.

Vitorino Nemésio fala assim no seu conhecido livro *Conhecimento de Poesia* (1958: 218-219) de Carlos Queiroz:

30

"Ficarás incorporado na nossa existência teimosa, na nossa experiência outoniça (ia a escrever: na nossa madureza), como uma das realidades portuguesas mais vivas de 1925, ou por aí perto até à data: Chiado, Faculdade de Direito, revistas literárias, 'cafés'...A descoberta e a admiração dos mais velhos, inconformes e estetas: *Orpheu*, Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros, Montalvor... A redescoberta dos clássicos e dos românticos duradoiros: Camões, Garrett (tão perto de ti no gosto e nos ideais literários)...Aquele dia em que vieste com um soneto lapidar de João Xavier de Matos, o homem do século XVIII de que os compêndios nem falavam, e mo leste a meio do Chiado, com a tua voz quente e séria, os olhos redondos de entusiasmo e uma alegre malícia. Contávamos contigo todos os do partido da Triste Figura: poetas, pintores, escultores (o que tu juntaste carinhosamente de plásticos!), utopistas de Direito, da Política, de qualquer coisa onde a utopia coubesse e de que o sonho fizesse parte. Ao mesmo tempo cheio de bom senso e de lírica insânia nunca precisaste de estigmas exteriores para seres artista. Gostavas, pelo contrário, da correcção e da compostura, do equilíbrio e da equanimidade".

Estas palavras do poeta de *O Verbo e a Morte* trazem até nós a imagem de alguém que tinha decididamente um prazer enorme no contacto com a poesia, *viesses ela donde viesse* - dos modernos, clássicos ou românticos- e que funcionava como elemento catalizador das gentes de todas as artes: *o que tu juntaste carinhosamente de plásticos!*.

De igual modo José Gomes Ferreira nos anuncia, em *A Memória das Palavras ou o gosto de falar de mim*, um Carlos Queiroz solidário com a poesia e os poetas, as palavras-chave da conversa entre ambos, mesmo quando, ao tempo, *fazia(m) anúncios de fitas nos jornais diários*. Estas Memórias são sobretudo importantes porque nos permitem conhecer, ou melhor, consciencializar, a existência em Queiroz de um *tom* de voz "que se enveredava nas silvas das sátiras de lirismo social"(1965:180). Embora esse *tom* corra em alguns dos poemas de **Desaparecido** e outros poemas da mesma fase ("Marcha quase fúnebre"; "Recreio"; "Adagio Cantabile"; "Quem saiba que explique"...) como estes surgem intercalados com outros, em maioria de outro *tom*, não nos ocorrerá pensar que Carlos Queiroz se tivesse encontrado um dia na "Encruzilhada dos Equívocos, tão fecunda e útil aos poetas autênticos, e onde o Diabo chegou a induzi-lo a transvios que à primeira vista pareciam pouco coadunantes com a sua natureza". Como exemplo mais acabado desta *tentação*, apresenta-nos Gomes Ferreira um

poema que Queiroz lhe dedicou e que publicou na "*Linha Geral*", semanário republicano de Leiria dirigido por Freitas da Silva, justamente no nº 28 do dia 5 de Maio de 1932, e sugestivamente intitulado "*1º de Maio*" :

"Talvez digas:-Mais uma fantasia/ Inútil de poeta.../ E julgues um capricho literário/ O que em minha alma desperta/ A lembrança deste dia;/ -Mas eu invejo-te, operário!// Tu és viril e sabes o que queres. / São simples e terrenas /As tuas ambições./ A política, o vinho ou as mulheres./ Disfarçam do trabalho as duras penas/ E bastam, para ilusões...// O que vale um poema?! Quanto vale/ O esforço de gritar com ele à vida/ Que a Dúvida é eterna e universal,/ Ao pé da mais banal / Fábrica erguida?!// Sofrimento? miséria? escravidão?/ - Bem sei, amigo: Não esqueço/ Que o suor com que ganhas o pão/ É que alimenta a civilização,/ - A seiva do progresso.// (Ah! mas talvez em mim seja maior/ a revolta que inspira a tua dor)!!// As tuas mãos produzem, são fecundas:/ Constroem pontes, casas, guilhotinas.../ Em suma: o que é concreto e necessário./ As minhas, imaginam-se profundas/ E são estéreis, inúteis, femininas.../ --Invejo-te, operário!"⁴.

Relembrar esta feição, porventura secundária, como reconhece o próprio Gomes Ferreira, do poeta que não deixou de nos legar *A Fábrica que eu canto* (*Des.*, p. 113)-" inesquecível visão apocalíptica lisboeta (do Aterro), digna de figurar numa antologia de 'precursores involuntários' do neo-realismo"- serve-nos aqui, não para realçar a evidente relação entre o tom literário de *O 1º de Maio* e algumas peças similares do século XIX, sobretudo com o único *cantor-não-demagogo do povo*, Cesário Verde, mas para reforçar a imagem de Carlos Queiroz como alguém com "liberdade de sonho suficiente para não se recusar a exprimir os ciúmes do futuro da pequena burguesia agonizante"(p.183) e, com liberdade de sonho suficiente para, em 1937, no tempo em que corria já a *presença*, sem dúvida o espaço privilegiado da sua socialização poético-crítica, cantar *Mãe-Povo*⁵:

⁴ Razão parecia ter Gomes Ferreira (1965:180) para afirmar que " o mais extraordinário é que enquanto eu (a suas preocupações políticas evidentes) apurava a voz lírica em poematos sobre pássaros inventados, o Carlos Queiroz enveredava-se nas silvas das sátiras de lirismo social".

⁵ António Ribeiro dos Santos, na recensão crítica ao segundo volume da obra poética de Carlos Queiroz, parte de poemas como este para se interrogar sobre o alinhamento de Queiroz nas hostes presenciistas: "Que resta da 'independência presenciista relativamente a valores políticos e morais', em poemas como *Mãe-Povo*? "(1991: 199). Contudo, para uma definição do poeta, há que contar também com aqueles oito versos em que Carlos Queiroz " lapidadamente verberou os pendores de certo populismo e de certo 'cavelismo'"(Mourão-Ferreira 1989a: 238), opondo-se, deste modo, ao pior que a poesia dos anos 40 nos trouxera:

ENTRE A PRESENÇA E A REVISTA DE PORTUGAL

32

Um primeiro olhar sobre uma listagem de todos os sítios em que Queiroz escreveu "textos de reflexão estética e/ou de crítica literária" - os textos poéticos estão em grande parte, pelo menos os melhores, incluídos nos dois volumes da sua obra poética e com referência do local onde inicialmente foram publicados (se já foram publicados) - salta à vista, sobretudo para quem conheça o panorama editorial da época, uma certa história de escrita que nos *conta* como Carlos Queiroz se posiciona face ao acto de criação poética e/ ou artística.

O que importa, antes de mais, reter é o facto indiscutível que Mourão-Ferreira assinala "da íntima e sucessiva vinculação de Carlos Queiroz, no decurso dos anos Trinta, e além da sua assídua colaboração poética para outras publicações- *Descobrimento, Momento, Vamos Ler, Ocidente, Diário de Lisboa*, etc.- aos dois órgãos mais significativos e mais coerentes da literatura portuguesa desse decénio; e o facto ainda, de a sua 'escolha' se ter realizado- tal como a de um Miguel Torga e de um Branquinho da Fonseca (ambos já desde há muito 'dissidentes' da *Presença*) - no sentido da mais "ecuménica" *Revista de Portugal*, que, sendo embora menos propagandeada, quer na altura quer ulteriormente, não continha em última análise (como o próprio caso de Nemésio o exemplifica) menos afortunados germes de uma duradoura modernidade"(1984:13).

Forçoso se torna, pois, notar que, se na *presença* colabora essencialmente com textos poéticos e apenas com dois textos de carácter crítico - bem significativos, aliás-, ao contrário da sua colaboração na *Revista de Portugal*, com apenas dois poemas - que não deixam de ser dos mais representativos do seu modo poético - e muita colaboração no domínio ensaístico e /ou crítico, não deixarão de ser as ideias dos *presencistas*, sobretudo as defendidas por um Régio, a acompanhar grande parte do seu trajecto poético-crítico. Evidentemente que o facto de manter um contacto estreito com a *Revista de Portugal*, revista que não se limitou a ser uma mera continuação *temática* da *Presença*, não deixará de tocar Carlos Queiroz já bem alertado para as potencialidades simbólicas da linguagem.

" Preceito bom
De aconselhar
A quem é novo
E sente o dom
Que faz cantar:
-Não especular
Nem com o mar
Nem com o povo"(Des.,p.173).

Sublinhe-se, contudo, que, na tão consagrada especificidade da literatura e na afirmação da não existência de qualquer vínculo a escolas e partidos, A *Revista de Portugal* não deixa de seguir a *Presença*. Vejam-se as palavras que Vieira Pimentel (1987:109) achou por bem destacar do editorial daquela revista: (...) o "forte denominador comum de espírito que caracteriza e torna reconhecível a 'geração'. 'Uma ' geração' respeitadora da Literatura e da Arte, criada na agitação do mundo contemporâneo, mas não hostil às grandes criações clássicas. 'Geração' fiel ao ' eterno', ao ' humano', ao 'vivo', ao que é simultaneamente português e universal".

Porém, mesmo que se aceite que a revista de Nemésio abriu definitivamente caminhos literários novos que *Cadernos de Poesia* (1ª série, 1940-44), *Variante* (1942-43) e *Aventura* (1942-44) vão, de certo, continuar, será lícito, como lembra Fernando Guimarães esquecer, os que já se encontravam delineados pela *Presença*?

Este poeta-crítico lembra, com efeito, em várias ocasiões "não ser totalmente exacto ver em tal revista, como se insiste em geral, uma mera continuação da *Presença* " pois a atenção que nela se presta a um Rainer Maria Rilke (graças às traduções de Paulo Quintela) ou a um Heidegger (graças a um Delfim Santos, que aí publica um estudo sobre ("Heidegger e Hölderlin") revelam iniludivelmente uma viragem que, na passagem dos anos 40 para os anos 50, alcançará mais relevo quando se afirmar ainda mais esse interesse por movimentos literários actuais, sobretudo com o surto do Surrealismo"(1979: 46). Todavia, este mesmo ensaísta, retomando esta ideia dos inesperados caminhos que se abriram com A *Revista de Portugal* - " O horizonte dos seus interesses alarga-se, entrevêem-se novos quadrantes, onde, se se considerar uma referência à cultura europeia, sobreleva o interesse prestado a um T. S. Eliot ou aos surrealistas, ambos representando, aliás, uma atitude de vanguarda que se inscreve, respectivamente, em termos de tradição ou de revolução" - não deixa de perguntar: "Mas, entre eles, será lícito esquecer os que já se encontravam esboçados ou entreabertos pela *Presença*?" (1982: .87)⁶.

Assim, o facto de que os jovens da *Presença*, pela consciência da actividade crítica que trouxeram, denunciando a falta de atenção a certos valores estéticos e denunciando ainda a falta de atenção para a importância de julgar a Literatura

⁶ Jorge Sena (1977:32-33) refere-se ao magistério crítico-literário da *presença* nestes termos: "se, nos anos 40, todos pudemos redescobrir o *Orpheu*, opormo-nos a um conceito estrito de comprometimento político (sendo que este interessava a quase todos nós), e mesmo ampliar os horizontes internacionais que *Orpheu* propusera nas suas próprias individualidades de proa, cumpre-nos reconhecer que o devemos àquela liberdade algo esteticista proclamada e defendida pela *presença*".

por valores imanentes ao Universo Literário, instauram um caminho novo na nossa história da crítica não parece ser uma verdade facilmente removível⁷.

É nesta mesma óptica que Clara Rocha se situa quando afirma a singularidade moderna da *Presença*, "uma vez que antecipa uma atenção às questões da teoria e da crítica literárias que caracterizará mais tarde as gerações do 'nouveau roman', do experimentalismo e dos anos 70"(1985:392).

34 Evidentemente que nem todos os que da crítica dos presencistas falaram, discursaram do mesmo modo, o que permitiu a Luís Adriano Carlos afirmar à entrada do seu artigo: "O Classicismo Modernista de José Régio"(1991:103):

"A história crítica da *presença* reveste-se desde logo, e não sem algum paradoxo, de um carácter consensual: ela é a mais polémica das que marcaram a literatura portuguesa do século XX. Trata-se de uma história de crises e embates, em que todavia as críticas ao 'presencismo' não resistiram a um fogo cruzado entre si, uma vez que mutuamente se anulam e excluem. O acto de constituição da revista coimbrã (1927) representou um 'vigoroso embate', em nome da 'originalidade artística', contra os vários academismos dominantes. O seu curso e o seu fim (1940) culminaram num embate geracional, em nome da 'independência artística' contra os promotores do neo-realismo. E a sua posteridade conheceu uma série de embates e debates, em nome do modernismo, cujo texto fundador tem a assinatura de Eduardo Lourenço. '*Presença*' ou a *Contra-Revolução do Modernismo*, admirável exercício ensaístico que iria condicionar, de há três décadas até aos nossos dias, em nome da "revolução poética" e da aventura ontológica" de *Orpheu* (1915), um certo tipo de valoração negativa, quando proscritiva, da *presença* no contexto modernista português".

Se, por exemplo, um Jacinto do Prado Coelho (1987:263) reafirma esse *débito* da vida literária das últimas décadas à *Presença* pelo que trouxe de *consciência da importância da actividade crítica*⁸, embora evidencie alguns

⁷José Régio em 1 de Março de 1935 no *Diário de Lisboa* (p.7) ao fazer um balanço da crítica e do ensaio dessa época, afirmava: "Os *Temas* e O *Mistério da Poesia* de João Gaspar Simões; as *Considerações Pessoaís* de Adolfo Casais Monteiro; os estudos dispersos de Fernando Pessoa; o notável *Antero* de Sant'Ana Dionísio; as *Soluções Críticas* de Manuel Anselmo e a recente *Imagem* de Artur Augusto- mostram bem (não obstante a diferença de valor entre estas obras) que em nenhuma época da nossa literatura os novos exerceram tão brilhantemente a actividade crítica. Talvez em outro sector, os estudos de António Sérgio, de Hernâni Cidade, de Rodrigues Lapa, de Castelo Branco Chaves, de Vitorino Nemésio, etc., revelem a mesma actividade".

⁸Cf. Eduardo Lourenço : "À *Presença* se deve não só o acesso a uma quantidade de grandes autores que sem ela teriam sido letra morta para muitos portugueses, como a coragem, o

1
90

malefícios da prensa, "que é sina da crítica 'imediata', os males da falta de informação e de método, das ideias feitas, do ardor polémico, do egocentrismo que toma a obra criticada como simples pretexto ou obstáculo", já um Arnaldo Saraiva (1973:8) não se inibe de lhe atribuir "um certo número de 'causeries' 'de jeudi, e de lundi, mardi, etc.- (os seus críticos, se não foram fecundos, foram facundos)- já com grande atraso portanto em relação ao modelo francês", numa clara referência a Sainte-Beuve. E acrescenta: "A *Presença* não só não introduziu a "crítica moderna" em Portugal, como em certa medida a interrompeu- porque a não desenvolveu ou porque a 'desconheceu'; é curioso notar que não passam pelas suas páginas nem Fidelino, nem António Sérgio, que Régio aliás dizia admirar, mas que Gaspar Simões teve entre os seus primeiros contendores implacáveis". Também seria curioso notar que, em 1927, já Régio se dava conta da supremacia crítica de um Pessoa relativamente a Fidelino de Figueiredo, quando no final do seu 1º Manifesto- *Literatura Viva*, no nº 1 da *presença*, afirmava que "um pequeno prefácio de Fernando Pessoa, diz mais que um grande artigo de Fidelino Figueiredo". É certo que *Da Geração Modernista* não é o que considera o Mestre o seu preferido e há quem não lhe perdoe o ter dito dele que "mesmo o que às vezes se vislumbra de impotência criadora na sua arte revela superioridade intelectual". Porém, isso é outra história...que talvez ainda não esteja bem contada assim. O que o excelente estudioso dos Modernismos Português e Brasileiro tem implicitamente presente quando faz aquelas afirmações, é que a empresa crítica em que se empenham os *presencistas* não está numa linha em que o texto literário é o começo da investigação. Só que ele esquece que essa sua concepção desse seu tempo estruturalista não era possível num tempo em que o lansonismo ainda fundamentava o juízo crítico na análise rigorosa dos factos exteriores à obra. E nesse aspecto, mais lucidamente Eduardo Prado Coelho (1978:47) percebeu que o "enunciado da tese *presencista*- defender a arte de qualidade e julgar essa qualidade segundo critérios estritamente artísticos-, é pouco que foi essencial".

Mas, em 1940, *A Revista de Portugal* e a *Presença* morrem. Quando Gaspar Simões, no seu livro *José Régio e a História do Movimento da "presença"*, invoca as razões para a morte desta última, acaba dizendo: "já não era possível o individualismo que fora o fundamento das concepções *presencistas*". O reconhecimento desta impossibilidade traduz sobretudo o reconhecimento de que as linhas de força que conduziram a *Presença* não mais são possíveis. Mas será mesmo assim? Se a viragem completa que se verifica nas estruturas políticas e socio-económicas da vida portuguesa leva, não de um modo imediatista, a discordâncias entre os directores da revista, isso não significa que

gosto pelo literário como tal e por consequência pelos problemas sem fim que ele sugere" (s/d :516-517).

o 'espírito' da presença se tenha desvanecido de vez. Um conhecedor desta época, Eugénio Lisboa afirma a este propósito: "E não se podia dizer que a influência da *presença* cessara com o desaparecimento físico da revista. Noutros lados, Régio, Casais, Gaspar Simões, Castilho, Nogueira (Albano), Bacelar, iriam fazer sentir a influência do seu magistério de independência crítica. Agora, ainda mais desarmados. Muitas vezes, legitimamente vulneráveis. E, sobretudo, a obra criadora de alguns iria deixar uma marca perdurável na superfície visível da história literária portuguesa" (1984:61).

Por outro lado, Régio publica, precisamente em 1940, um dos seus mais lúcidos ensaios intitulado *Em Torno da Expressão Artística* e que funcionará como centro receptor e irradiador da dinâmica discursiva que percorre muitas obras presencistas. A propósito deste ensaio, Óscar Lopes (1987: 645) não se eximiu de dizer: "...é uma obra-prima de clareza, pacientemente arrumadora e exemplificante, de certos postulados que, só por si, poderiam servir de fundamento, não apenas à estética presencista, mas também a outras, incluindo certo realismo (social) sumário". Américo Oliveira Santos em 1991 também não se escudou a utilizar a linguagem do elogio para falar da "peça nuclear da poética de José Régio", aproximando-a do que "há de mais decisivo nas formulações da teorização europeia e norte-americana do século XX", nomeadamente quando coloca a tónica na oposição da arte verbal às outras condutas verbais, realizando, assim, "o essencial do programa de Jakobson de 1958 e possibilitando a fundação de uma poética autónoma" (1991:84 e 87). Na perspectiva deste professor de Teoria da Literatura, "a compreensão que Régio revela da presença mediatizadora da linguagem, da irredutabilidade dessa mediação numa expressão segunda, constitui um enorme saldo teórico e antecipa em trinta anos - em meio de um clima adverso pela ressurgência de um paradigma da mimesis que o neo-realismo patrocinava - a caracterização de fenómenos que normalmente associamos aos anos sessenta e setenta" (1991:91)

Além disso, algumas das revistas que durante os anos 40 se vão publicar, continuam a partilhar da personalidade, da originalidade e da isenção, princípios normativos bem presencistas.

NA DUALIDADE ESTÉTICA DOS ANOS 40

Do que não restam dúvidas é que o início dos anos 40 nos aparece sob o signo da dualidade. Duas consciências se defrontam, segundo António Ramos de Almeida⁹: "uma em crise, nos últimos instantes de coma, prestes a morrer

⁹Citado por Carlos Reis (1981:50-51).

agarrada aos seus mitos, às suas moléstias hereditárias, ao fundo mítico das suas crenças seculares; outra com os olhos postos no futuro, com os pés enterrados na realidade, agarrada à vida, para a qual ainda vão nascer, porque é uma vida nova que vai surgir". Aliás, será precisamente este autor que se encarregará de responder, em 1941, a Régio, numa conferência proferida na Associação Cristã da Mocidade, com o título significativo de "A Arte E a Vida- para o esclarecimento e compreensão da literatura moderna portuguesa e da polémica arte pura e arte social". Esta temática da interacção arte/literatura e realidade/vida é, com se sabe, a ladaíinha obsessiva que sustentara e sustentava¹⁰ o discurso dos Neo-Realistas contra os Presencistas.

No início da década de 40, como nos diz Fátima Marinho (1989:13), a intelectualidade portuguesa encontrava-se dividida "em duas tendências que, se não eram radicalmente opostas, apresentavam mais pontos de ruptura do que de contacto: a poesia que seguia a tradição da revista *Presença* (...) e uma outra eivada dos novos conceitos realistas-socialistas, que por razões óbvias, tomou entre nós a designação eufemística do neo-realismo". Essa primeira tendência, - que continuará a cumprir o papel que alguns atribuem à *Presença*, papel de antídoto em relação à atitude dialéctica que, no plano da história das ideias e da crítica nacional, se começou a generalizar à volta de 40 - vai congregar-se à volta de diversas revistas que, dizendo-se independentes de escolas e partidos, defendendo uma *poesia pura*, assumem afinal um *programa* traduzido num "posicionamento negativo face à poesia comprometida"(Rocha1985:66).

É nesta última tendência que veremos, a partir de 40, alinhar Carlos Queiroz. Colabora então nos *Cadernos de Poesia*, 1ª série(1940-1944), organizados por Tomaz Kim, José Blanc de Portugal e Rui Cinatti, na *Aventura* (1942-1944) que tem Rui Cinatti por director e na *Variante* (1942-43) de António Pedro. Em todas estas revistas se entrevêem perspectivas ou opções que acompanham o que poderá representar, "no âmbito da literatura do seu tempo, um possível desenvolvimento do nosso Modernismo- embora não como expressão de uma vanguarda que só será, até certo ponto, perseguida por uma delas, a *Variante*" (Guimarães 1989:25)¹¹. Evidentemente que não queremos reclamar para Carlos Queiroz

¹⁰ Embora já em 1938 António Ramos de Almeida tivesse censurado José Régio pela sua atitude crítica, ao estabelecer a dicotomia "arte pura/ arte social"(in *O Diabo*, nº176, de 6-2-1938), é só em 1939, portanto três anos depois da conferência de Redol, que o conflito entre a geração da *Presença* e a do neo-realismo se aguça através da polémica desencadeada com a intervenção de Álvaro Cunhal.

¹¹ A dimensão surrealizante da *Variante*, que pode ser apreciada pela leitura do editorial do primeiro número, é também sugerida por uma outra estudiosa do Surrealismo, Maria de Fátima Marinho (1989:21-22) : "Esta revista pode ser considerada como uma das primeiras

a *expressão de uma vanguarda*, que não teve, mas tão só continuar a mostrar a sua disponibilidade para participar em projectos diversificados que seguem, contudo, a mesma linha de denúncia de uma literatura comprometida.

Disso mesmo serve de exemplo a sua colaboração num projecto como aquele que se propõe na nota de abertura do fascículo 1 da 1ª Série dos *Cadernos de Poesia* :: "Destinam-se estes cadernos a arquivar a actividade da poesia actual sem dependência de escolas ou grupos literários, estéticas ou doutrinas, fórmulas ou programas". Também, por isso, não nos surpreende a sua adesão ao lema que orientará a revista até ao seu final, em 1953: *A Poesia é só uma!* Este *slogan* tinha forçosamente que agradar a quem fará de grande parte da sua obra, mesmo poética, uma reflexão à volta do que é (ou não) ser poeta/poesia¹².

A sua participação poética no nº1, 1ª série com os poemas *Aproximações* (*Epist. Vind.*, p.12) e *Anti-Soneto* (*Epist. Vind.*, p.31), deixa, aliás, desde logo entrever essa sua obsessiva busca. Com efeito, se o primeiro poema se institui no espaço da diferença em que romanticamente se coloca o poeta em relação aos outros homens, já o seu *Anti-Soneto*, dedicado a Mário Saa, activando, desde logo, o diálogo com o *Soneto* que este publicara uns anos antes (*Presença*, 1931, nº 31-32), revela um certo inconformismo em relação às fórmulas antigas. Não é aqui agora possível apreciar este drama-nunca-resolvido de não querer seguir certas formas e de não conseguir escapar-lhes, embora essa seja uma tematização constante na poesia de Queiroz. Por agora basta-nos reter apenas que a *consciência técnica da poesia que revela*, chamando a atenção para o *poema enquanto objecto verbal*, está em total consonância com muitos outros artigos aí publicados, nomeadamente o que José Blanc de Portugal publica no nº2 de "Cadernos de Poesia" em 1940, *Poeta e poesia*.

A sua participação nos *Cadernos* far-se-á ainda no 5º e último fascículo dessa primeira série, em 1942, com um texto em prosa sobre Gomes Leal. Em jeito de aparte e por não haver aqui espaço para tal deambulação, gostaríamos apenas de chamar a atenção para a importância de um estudo clara e minucioso que ponha em evidência a ruptura relativa que entre a

tentativas de manifestação do movimento surrealista, ainda não como grupo organizado, mas já como tendência muito nítida em alguns poetas".

¹² Carlos Queiroz, em 24 de Abril de 1941 (p.6), inicia a sua crónica sobre **Poesia** no jornal *Ação* explorando justamente o lema dos primeiros *Cadernos*: "Assim, onde o cronista sentir que encontrou [a poesia], bastará dizer porquê e como. Num quadro, num romance, num filme, numa cena de rua, numa conversa com um amigo, na montra de uma loja, numa notícia de jornal, numa emissão radiofónica, até num livro de versos, pode revelar-se poesia. Porque ela é só uma".

primeira série e a segunda destes *Cadernos* se estabelece, ao contrário do que tem sido proclamado (Gonçalves, 1991).

CONTINUANDO A MARCHA DE UMA ÉPOCA

É ainda em 1942 que Carlos Queiroz integra o elenco de personalidades que dão voz à revista *Aventura*, dirigida por Ruy Cinatti. No editorial do primeiro número, *Ordem e Aventura* (p.II) podia ler-se:

"O que é bom vale. O que é bom pertence a um património comum, comunicável, real, nacional, universal. Por nos situarmos acima de partidarismos, inspirados por uma concepção superior a todas as fórmulas puramente humanas, diremos que o Belo vale e, na sua forma mais transcendente, poderemos acrescentar que o belo se alça a um bem mais alto que o bom, visto estar intimamente ligado ao BENEPLACITUM DEI, ao seu bel- prazer, sinal identificador do ético e do estético".

"A orientação espiritual da revista está claramente definida pelo facto de sermos, em maioria, católicos" - acrescentam. No entanto, não é uma revista confessional; no campo literário- sobretudo na poesia- faz-se sentir tanto o abandono da herança presencista como dos neo-realistas. Confirmadora desta orientação, que o autor de *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas* (1982:163) vê na Revista, é a *Separata* que, em Agosto de 1942, é dedicada a Arthur Rimbaud, onde Carlos Queiroz homenageia o poeta vidente com a sua *Ode a Arthur Rimbaud (Epist. Vind., pp.32-37)*, ao lado de António Pedro com um retrato do poeta e Jorge de Sena, com a sua conferência de 1941, "Rimbaud ou o dogma da trindade poética". No texto em prosa com que participou no primeiro número, *Esta Aventura Sem Fim*, já Carlos Queiroz fizera a apologia do poeta, ao lado de Hölderlin, de Rilke, de Eliot, Valéry, Pessoa, Supervielle e Michaux.

Determinado a continuar a "marcha da sua época" vai ainda Carlos Queiroz, nesse mesmo ano, ajudar a traçar a história desse momento da história da arte, na revista *Variante*, com o seu artigo, *Da Arte Moderna em Portugal e, na Atlântico* (1942-50), com *Ilustradores Portugueses- A propósito de uma exposição*.

Decididamente colocado mais do lado dos artistas que põem questões do que do lado dos que dão respostas, Queiroz continua a fazer das revistas verdadeiros laboratórios para as letras, fazendo crer, nas palavras de Clara Rocha (1985:22), que considera injusto relegar as revistas e/ou outras publicações literárias "para um lugar de 'parentes pobres' das obras individuais que têm assento na história literária". É na *Atlântico*, revista Luso-Brasileira que tem por Directores António Ferro e Lourival Fontes onde Almada publica o seu

célebre *Prefácio ao Livro de Qualquer Poeta*, que Carlos Queiroz publica o seu *Breve Tratado de Não-Versificação*.

40

Clara Rocha considera esta revista de carácter "oficial" e "ideologicamente reaccionária" (1985: 656), enquanto Daniel Pires fala de " revista ecléctica onde coabitam autores afectos ao regime, por exemplo Marcelo Caetano, António Ferro, António Quadros, etc., e oposicionistas tais como Aquilino Ribeiro, Maria Archer, etc." (1986:76)". Por sua vez, Fernando Guimarães realça sobretudo a "colaboração variada de alguns dos mais representativos escritores portugueses e brasileiros" (1982: 163).

Reforçando a tese de que os diferentes colaboradores de uma revista se estimulam mutuamente, e de que tanto as produções poéticas como as reflexões de carácter estético que a compõem se revelam importantes para um certo *ar de família* que apresenta, retomamos como ponto importante o facto de o livro de Carlos Queiroz em que a sua vertente metapoética mais está presente, retomar ideias fundamentais sobre a Poesia e o Poeta que Almada propunha, alguns números antes, na mesma revista.

Ainda na *Atlântico* Carlos Queiroz falará, mais tarde, já na 2ª série, de "*Catulo da Paixão Searense e a poesia popular*", de Cecília Meireles, e prestará homenagem a Afonso Lopes Vieira e a Alberto Osório de Castro. Entretanto, na *Página Literária* do *Diário Popular*, faz a *Crítica a Fernando Pessoa-Obras Completas-"Poesias"* e a *Gomes Leal- "Poesias Escolhidas"-Introdução e selecção de Vitorino Nemésio*. E vai falando de Cesário Verde, João de Deus, confirmando o seu prazer em estar com a Poesia, seja da tradição ou da modernidade.

A REVISTA *LITORAL* - QUE POSIÇÃO?

Todo o capital cultural que vai acumulando ao longo deste tempo em que colabora nestas revistas e/ou publicações periódicas, vai Queiroz canalizá-lo para a revista *Litoral*, que dirigirá a partir de 1944. Com uma apresentação gráfica cuidada, da autoria de Bernardo Marques, aí veremos desfilar nomes que falam por si. Na colaboração ensaística: José Marinho, Castelo Branco Chaves, Delfim Santos, Diogo de Macedo, Hernâni Cidade, Jacinto do Prado Coelho, António José Saraiva; na poesia e narrativa: Miguel Torga, Branquinho da Fonseca, Ruy Cinatti, Adolfo Casais Monteiro, Irene Lisboa. Talvez por isso António Pedro Pita quando, em 1988, fez a recensão crítica da obra de Daniel Pires para a *Colóquio Letras*,¹⁰² tenha encontrado, nessa cuidada apresentação gráfica e nesse elenco de nomes, razões para lamentar " a brevidade ou o excessivo simplismo" com que Daniel Pires trata

a *Litoral*, no seu Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do século XX (1986:194-195).

No primeiro número, em Julho de 1944, logo a abrir a revista (p.5), no editorial, Queiroz recusa a designação de "programa" e prefere *POSIÇÃO*: "posição como modo de ser e estar presente no âmbito imensurável da actividade espiritual". "Um programa não só restringe a capacidade de agir, como reprime a espontaneidade". O tom está dado e aponta claramente para o tão consagrado eclectismo, embora dentro de determinados princípios: "esta revista não se desloca ao plano da opção política, nem adopta a polémica, ainda que aceite - ainda mesmo que suscite em certos casos - pontos de vista contraditórios. Deste modo, sem abstrair qualquer ordem de questões e interesses profundamente humanos e vitais, LITORAL, aplicar-se-á, de preferência, ao estudo e valorização desinteressada dos motivos eternos, dos valores essenciais, dos problemas permanentes".

Continuando a traçar a sua *Posição*, Carlos Queiroz situa-se no horizonte de expectativas que de si se foram criando, ao propor-se dar "acolhimento e expansão a produções ficcionistas de autores portugueses e brasileiros, sem atender a preconceitos de geração ou de escola, mas desde que revelem vocação autêntica, voz própria, e determinado grau de madurez substancial e formal"(p.8), para além de aderir ao renascimento dos estudos mitológicos, estar atento aos novos aspectos da apologética religiosa e abrir-se à especulação filosófica e à actividade estética. A predominância do ensaio justifica o grande propósito da revista : "contribuir para a formação de uma 'consciência cultural' de surto português, incutindo no ânimo dos leitores, principalmente dos mais jovens, a convicção esclarecida de que possuímos, a par dos mencionados caracteres e virtudes intrínsecas, uma maneira própria de sentir, pensar, criar e agir, cuja vitalidade, expressão diferenciada e interesse universal as obras-padrões do nosso património espiritual não desmentem".

Um ano depois, em "Inquérito aos Escritores", Carlos Queiroz explicava ao *Diário Popular* de 25 de Janeiro, (p.8) como e porquê apareceu a *Litoral* da qual saíram seis números¹³:

"As revistas constituem elementos imprescindíveis para os historiadores das ideias, visto que marcam da maneira mais espontânea e directa, as fases da evolução cultural dos povos. Esta, a razão principal. Além disso, a revista nasceu de um desejo, por assim dizer colectivo, de reunir certos escritores que, por circunstâncias diversas se mantêm alheados do contacto com o

¹³Nº 1, Junho de 1944, nº 2, Julho de 1944, nº 3, Agosto- Setembro de 1944, nº4, Outubro-Novembro de 1944, nº5, dezembro de 1944, e nº 6, Janeiro-Fevereiro de 1945.

público. Assim, foram convidados a colaborar todos os que, não tendo posição firmada nas revistas já existentes, sem dúvida ansiavam por retomar esse contacto. Isto sem exclusão dos mais representativos elementos de correntes e grupos literários anteriormente afirmados em publicações extintas, nem dos mais novos valores, já estreados ou inéditos".

42

Carlos Queiroz tem presente que as revistas exprimem a marcha de um tempo e servem às gerações futuras para situarem um momento da história literária. Mas também tem presente o desejo de não quebrar a *linha*. E fala da razão da revista em arranjar espaço aos escritores que, por circunstâncias várias, se mantinham *alheados do contacto com o público*. Talvez por isso Oscar Lopes note "uma corrente oposta ao neo-realismo" nesta revista¹⁴.

A colaboração que, entretanto, vai dando a *Panorama* (1941-1973), revista de arte e turismo onde é director à data da sua morte e onde frequentemente utilizou os pseudónimos de Américo Nogueira e Fernão de Lisboa, revela, não só a forma assídua como se empenhava em falar das artes plásticas, mas também a sua capacidade para alargar o horizonte de reflexão a muitos outros campos, da etnografia ao cinema, à fotografia, etc..

Colaborador de muitas outras publicações que nem sequer referimos, não deixa de ser importante saber que, "grande animador da vida cultural portuguesa dos anos Trinta e Quarenta, será doravante indispensável recorrer-se, por exemplo, aos numerosos textos que deixou dispersos, no primeiro destes decénios, por publicações como *Girassol* e *Imagem* (muitos deles subscritos com o pseudónimo de Rui Casanova) para se compreender a ressonância que obtiveram entre nós as realizações dos últimos tempos do cinema mudo e dos primeiros do cinema sonoro; bem como à colecção da *Rádio Nacional* para aí vermos pela primeira vez e por ele equacionada - ao longo de nove artigos vindos a lume entre 17 de Setembro e 31 de Dezembro de 1939- a problemática do 'teatro radiofónico'"(Mourão-Ferreira 1984:14).

Embora a colaboração de Queiroz nestas publicações não se revele de um interesse directo para o conhecimento da fórmula da crítica preencista, não há dúvida de que carrega um capital cultural e experiencial para essa outra escrita mais *séria* - a de natureza reflexiva e crítico-poética - que, aqui ou ali, não deixa de denunciar esse trajecto de escrita.

¹⁴ Citado por Daniel Pires (1986:194).

SOB O SIGNO DA DIVERSIDADE

Certo é que por todos (e tão poucos) esses anos fora se baterá pela verdadeira criação artística, ao mesmo tempo que vai criando. António Botto fá-lo participar da 2ª ed.(1944)da *Antologia de Poemas Modernos Portugueses*, cuja 1ª ed. organizara com Pessoa; Cabral do Nascimento integra-o nas suas *Líricas Portuguesas* (1945), 2ª série, e ele continua a publicar poemas nas revistas onde também vai questionando a arte e o artista. Neste ser artista e pensar a arte, manter-se-á fiel à revista que o ensinara a voar e a pensar, embora outras vezes que encontrou noutras publicações ajudem à inflexão da sua própria. Digamo-lo com palavras de Eduardo Lourenço (s/d.:515): "os [seus] amores maduros guardam para sempre na sombra o traço luminoso dos amores juvenis".

Em 1948, participa no volume colectivo *Perspectiva da Literatura Portuguesa do sec.XIX*, escrevendo sobre Eugénio de Castro. Institucionaliza-se de algum modo esse seu papel de crítico, ao ser chamado a participar numa obra de fôlego e não apenas em publicações periódicas. Este é o primeiro passo que foi último nesse seu itinerário de escrita, pois, em 1949, a morte veio abruptamente interromper esses projectos. Ainda teve tempo de publicar o seu segundo livro de poesia, **Breve Tratado de Não-Versificação**, em 1948. Se é certo que os poemas da sua primeira fase-**Desaparecido**- tinham tido já uma divulgação significativa¹⁵, a reimpressão, em 1984, do *Breve Tratado*, vem, segundo o prefaciador desse volume, não só "preencher uma lacuna imperdoável, como deve constituir, a todos os títulos um verdadeiro acontecimento na história da poesia portuguesa deste século"(Mourão- Ferreira 1984:17) .

Quanto à restante obra poética, inédita ou espalhada por jornais e revistas, só em finais de 1989, a edição da Ática de **Epístola aos Vindouros e Outros Poemas** nos permite verdadeiramente conhecer a poesia de Carlos Queiroz e aceder à sua total diversidade, aos "múltiplos frémios que a percorrem", à "frescura e à gravidade das vozes que nela alternam, à permanente oscilação entre o lúdico e o patético nos variadíssimos registos que encerra" (Mourão-Ferreira1989: XI).

Sob o signo da diversidade aparece-nos também *agora* este Carlos Queiroz-crítico, nesta nossa revisitação pelos seus textos de reflexão estética e/ou de crítica literária. Confirma-se assim um autor plural, homem do seu tempo, tempo de contrastes, que não cortando radicalmente com o passado, traz consigo inevitavelmente as marcas do seu percurso, dos lugares que frequentou e, sobretudo, das revistas literárias que o acolheram. Dessa

¹⁵Para além da edição de 1935, **Desaparecido** teve duas edições, ambas póstumas (2ª ed., Livraria Bertrand, 1950; 3ª ed., Edições Ática, 1957) onde se incluíram, por expressa determinação do autor, outros poemas da mesma fase.

pluralidade, sobressaem as grandes interrogações que se erguem tanto nas suas composições poéticas como nos textos em prosa e que são, afinal, o lema dos pensadores do seu tempo: o que é ser poeta? O que vale a poesia? O que é a criação artística? E também questões fundamentais da (sua) crítica: quais são as relações entre a arte(poesia) e a vida? que significa (ser obra de) a arte ? O que é a arte moderna?

BIBLIOGRAFIA:

- CARLOS, Luís Adriano. "O Classicismo Modernista de José Régio", *Línguas e Literaturas*, revista da Fac. Letras do Porto, II série, Vol. VIII, (1991): pp. 103-134.
- COELHO, Eduardo Prado. "Teorias da 'presença'". *Colóquio Letras*, nº 42, (1978): pp. 44-54.
- COELHO, J. P. *Ao contrário de Penélope*. Venda Nova: Bertrand Editora, 1987.
- FRANÇA, José-Augusto. "Que Modernismo?". In *Actas do I Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Brasília Editora, 1979.
- GASPAR SIMÕES, J. José Régio e a História do Movimento da 'presença'. Porto: Brasília Editora, 1977.
- GOMES FERREIRA, J. *A Memória das palavras ou o gosto de falar de mim*. Lisboa: Portugália, 1965.
- GONÇALVES, Maria Madalena. "No cinquentário dos 'Cadernos de Poesia'", *Colóquio Letras*, nº 119, (1991): pp. 183-189.
- GUIMARÃES, Fernando. "Revistas literárias dos anos 20 e 30", *Sema*, nº 3, (1979): pp. 44-46.
- GUIMARÃES, F. *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1982.
- GUIMARÃES, F. *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- LOPES, Ó. *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. (vol. II). Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1987.
- LOURENÇO, Eduardo. "Aluns doutrinários e críticos literários depois de Moniz Barreto". *Estrada Larga*, nº 1, (s/d): 505-517.
- LISBOA, E. *O segundo modernismo em Portugal*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1984.
- MARINHO, M. de F. *A Poesia Portuguesa nos Meados do Século XX- rupturas e continuidades*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.
- MOURÃO-FERREIRA, D. "Prefácio" a *Obra poética de Carlos Queiroz, vol.I - Desaparecido e Breve Tratado de Não -Versificação*. Lisboa: Ática, 1984.
- MOURÃO-FERREIRA, D. "Preâmbulo" a *Obra poética de Carlos Queiroz, vol.II - Epístola aos Vindouros e Outros Poemas*. Lisboa: Ática, 1989.
- NEMÉSIO, V. *Conhecimento de Poesia*. Brasil: Publicações da Universidade da Baía, 1958.
- PESSOA, Fernando. *Apreciações literárias, Bosquejos e esquemas críticos*. Aveiro: Editora Estante (ed. fac-similada da 1ª recolha feita pela Editorial Cultura.-Porto), 1990.
- PIRES, D. *Dicionário das Revistas Literárias Portuguesas do Século XX*. Lisboa: Contexto Editora, 1986.
- RÉGIO, J. *Em Torno da Expressão Artística*. Lisboa: Editorial Inquérito, 1940.
- REIS, C. (apres.). *Textos Teóricos do Neo-Realismo Português*. Lisboa: Sera Nova, 1981.
- ROCHA, C. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, 1985.
- SANTOS, António R. "Recensão crítica ao 2º vol. da Obra Poética de Carlos Queiroz, *Epístola aos Vindouros e Outros Poemas*, *Colóquio Letras*, nº 120, (1991): pp. 199-201.
- SANTOS, Américo Oliveira. "Em torno da Poética Regiana", *Línguas e Literaturas*, revista da Fac. Letras do Porto, II série, Vol. VIII, (1991): pp. 79-101.
- SARAIVA, A. *A crítica literária e a crítica literária em Portugal*. Porto: Fac. de Letras, 1973.
- SENA, J. de. *Régio, Casais, a 'presença' e outros*. Porto: Brasília Editora, 1977.
- VIEIRA PIMENTEL, F. Jorge. *A Poesia da 'Presença' (1927-1940). Tradição e Modernidade*. Dissertação de Doutoramento apresentada à Universidade dos Açores, 1987.